



University Extension and Family Agriculture: a promising dialogue for vocational training in Agricultural Sciences

Extensão Universitária e Agricultura Familiar: um diálogo promissor para a formação profissional nas Ciências Agrárias

SILVA, José Ribeiro da⁽¹⁾; AMORIM, João Batista Barros do⁽²⁾

⁽¹⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1625-6433>; Professor EBITT do Instituto Federal de Alagoas (IFAI) – Campus Batalha, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), BRASIL. E-mail: jose.ribeiro@ifal.edu.br.

⁽²⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3585-6744>; Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), BRAZIL. E-mail: joao.amorim@ufrpe.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The study aimed to analyze the impacts of university extension carried out with family farming, in the training of professionals linked to agrarian sciences. A project developed by the Polytechnic College of the Federal University of Santa Maria, which approaches students together, from contexts involving family farming in the central region of Rio Grande do Sul, was used as a case. The method used for data collection was the focus group involving three students participating in the project, two from courses related to agricultural sciences and one linked to the administration course. In their testimonies, the students indicated the development of technical skills, of communication and knowledge mobilization, aimed at solving problems faced by family farming, awakening, behaviors such as cooperation, empathy, solidarity and justice. It was concluded that the dialogue between students and family farmers, mediated by university extension, has contributed to the formation of qualified professionals for the world of work and sensitive to the social and economic contexts that involve family farming in the region. At the same time, the project has contributed to the reconfiguration of organizational and productive processes in family farming, aimed at sustainable production, food security, as well as stimulating solidarity trade.

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar os impactos da extensão universitária realizada junto à agricultura familiar na formação de profissionais ligados às Ciências Agrárias. Foi utilizado como caso um projeto desenvolvido pelo Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, que aproxima alunos de contextos que envolvem a agricultura familiar da região central do Rio Grande do Sul. O método utilizado para a coleta de dados foi o grupo focal, envolvendo três participantes do projeto, dois alunos dos cursos relacionados às Ciências Agrárias e um vinculado ao curso de Administração. Em seus depoimentos, os alunos indicaram o desenvolvimento de habilidades técnicas, de comunicação e mobilização de conhecimentos, visando a solucionar problemas enfrentados pela agricultura familiar, despertando comportamentos como cooperação, empatia, solidariedade e justiça. Concluiu-se que o diálogo entre estudantes e agricultores, mediado pela extensão universitária, tem contribuído para a formação de profissionais qualificados para o mundo do trabalho e sensíveis aos contextos sociais e econômicos que envolvem a agricultura familiar da região. Ao mesmo tempo, o projeto tem contribuído para a reconfiguração dos processos organizacionais e produtivos na agricultura familiar, visando a produção sustentável e a segurança alimentar, além de estimular o comércio solidário.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Recebido: 30/09/2021

Aceito: 22/12/2021

Publicação: 01/01/2022



Keywords:

Solidarity economy,
Agroecology,
Rural development.

Palavras-Chave:

Economia solidária,
Agroecologia,
Desenvolvimento rural.

Introdução

A agricultura familiar no Brasil tem sua forma social de produção reconhecida pela sociedade brasileira, baseada em suas contribuições materiais e imateriais. Sua organização social foi e está sendo construída a partir dos múltiplos discursos identitários e demandas sociais surgidos nas últimas décadas a partir das contribuições da academia e das políticas públicas de apoio ao seu fortalecimento. Além disso, a agricultura familiar como instituição estratégica é responsável pela reprodução dos atores do desenvolvimento rural sustentável (BERGAMASCO; DELGADO, 2017).

O papel da agricultura familiar na atualidade é reconhecido por sua capacidade de articular e impulsionar as economias locais e por sua relação direta com a segurança alimentar e nutricional da população brasileira em seus mais diversos territórios. Além disso, essa modalidade de agricultura tem se revelado como fundamental para o desenvolvimento rural sustentável, estabelecendo uma relação íntima e vínculos duradouros das famílias com o seu ambiente de moradia e produção (GOMES; SILVA, 2019).

A capacidade de resiliência diante dos desafios da modernização do campo, como identificada por Wanderley (2003), assim como o seu papel na construção dos processos de desenvolvimento rural sustentável discutidos por Gomes e Silva (2019), não isentam a agricultura familiar da dependência de políticas públicas que garantam sua reprodução social e econômica, que são as bases para uma permanência digna no campo, destacando-se, entre as várias políticas, a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

Implantada no Brasil nos anos 1950, a extensão rural tinha por finalidade educar o homem do campo para tirá-lo do atraso, complementando as estratégias de industrialização da agricultura adotada pelo Estado, seguindo um modelo urbano industrial. Portanto, esse modelo difusionista e desenvolvimentista contribuiu para o agravamento dos problemas ambientais e para a diferenciação social da agricultura, problemas que foram ampliados com o desmantelamento das estatais responsáveis pela coordenação e execução dos serviços de ATER no país na década de 1990 (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Nesse sentido, o processo de reconstituição da extensão rural como política pública foi retomada em 2014 com a proposta de uma nova ATER, a partir da criação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Trata-se de uma política que visa a construir um novo paradigma, abrindo espaço para a reconstrução da cidadania no campo, incorporando princípios e enfoques técnicos metodológicos diferentes dos convencionais, promovendo estilos de agricultura sustentáveis, respeitando a diversidade cultural com a participação ativa dos atores envolvidos (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A prestação de serviços de ATER para a agricultura familiar esbarra em uma série de problemas, entre eles destacam-se uma estrutura pública insuficiente para dar conta do grande número de propriedades da agricultura familiar, além da diversidade de grupos que envolvem essa categoria. Outro aspecto diz respeito à formação dos agentes, os quais, na maioria das vezes, são profissionais das ciências agrárias cuja formação é verticalizada, com base, principalmente, no difusionismo tecnológico com o foco nas grandes propriedades (GODOY et al., 2010).

A esse respeito, Caporal (2003) argumenta que o ensino nas universidades e escolas agrícolas brasileiras priorizaram um modelo que privilegia a divisão disciplinar e a especialização produtiva, gerando, como consequência, a difusão de receitas técnicas e pacotes tecnológicos. Este aspecto, segundo o autor, excluiu a oportunidade de que esses alunos possam compreender a agricultura como atividade que vai além da produção de bens, que exprime uma relação entre o homem e o ecossistema em que ele trabalha, em que a atividade se confunde com seu modo de vida. Essa divisão disciplinar limita a capacidade de o profissional vir a ter uma visão holística e sistêmica da realidade, minimizando suas possibilidades de compreender a agricultura como resultante da coevolução entre sociedade e ambiente.

Outro aspecto relacionado às dificuldades da formação de profissionais das ciências agrárias diz respeito ao distanciamento que se estabelece entre homem e tecnologias, sendo que se estuda muito sobre máquinas e insumos e pouco sobre sociedade, atores sociais e o seu papel na agricultura e nos processos de desenvolvimento sustentável. Além disso, as disciplinas que tratam dos aspectos humanos, como é o caso da sociologia e da extensão rural, têm pouco espaço no programa de formação, sendo, na maioria das vezes, direcionadas para a preparação de profissionais multiplicadores dos pacotes tecnológicos (CAPORAL, 2003).

Para Balem e Donazzolo (2007), a formação profissional nas ciências agrárias deve ser implementada com as dimensões educativa, social e política, contribuindo para que esses profissionais não sejam apenas técnicos, mas também extensionistas educadores. Os autores destacam ainda que estes profissionais deverão compreender a necessidade de orientar e despertar nos agricultores valores como respeito mútuo, solidariedade, cooperação.

Esse argumento reafirma o pensamento de Dias (2008) quando diz que a formação profissional e humana deve superar o desafio da formação puramente técnica e instrumental direcionadas às demandas imediatas dos processos produtivos, organizativos e econômicos. Este autor propõe a aplicabilidade não só instrumental de conhecimentos construídos no campo das ciências sociais, mas que estes sejam incorporados por ferramentas teórico-metodológicas que estimulem a leitura da realidade social para, a partir daí, definir as técnicas e tecnologias a serem aplicadas.

Nesse sentido, a busca de processos pedagógicos que rompam com o paradigma difusionista e que estimulem a interdisciplinaridade e a integração com as demandas sociais são fundamentais para o desenvolvimento de competências que aproximem o perfil profissional nas ciências agrárias dos processos de desenvolvimento rural sustentável. Isso exige que sejam adotadas estratégias práticas de formação que ultrapassem os limites da teoria, que pode ser conseguido com as vivências junto às comunidades e às famílias de agricultores.

Esse aspecto é destacado por Godoy et al. (2010) quando afirmam que o estudante deve ser ator ativo do seu próprio conhecimento e que isso pode ser conseguido a partir de projetos pedagógicos que visem à integração entre teoria e prática. Diante disso, os autores propõem, como estratégia, maior articulação entre extensão, ensino e pesquisa, promovendo diferentes metodologias para a construção do saber e do pensamento crítico, possibilitando que estes possam compreender e responder a complexidade e diversidade existente no meio rural.

Nesse sentido, no contexto das universidades brasileiras, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão vem se constituindo em um ideal acadêmico no sentido de promoção de uma educação pública que dialogue com os contextos sociais, econômicos, políticos e ambientais dos territórios onde estas instituições estão inseridas. Porém, torna-se importante lembrar que a extensão universitária foi, por algum tempo, suprimida pela importância dada à pesquisa e ao ensino dentro dos projetos político-pedagógicos, causando uma hierarquização em que as dimensões de pesquisa e ensino foram e ainda são entendidas como autossuficientes (MUSSOI; LENZI, 2015).

Essa visão começou a ser superada no início dos anos 2000, quando a extensão universitária passou a ser considerada como um instrumento de inter-relações entre a universidade e a sociedade, que vem proporcionando a democratização, a produção e a reprodução de conhecimentos por meio da troca de saberes com as comunidades (FORPROEX, 2012).

Diante desses desafios, cabe destacar a importância da Política Nacional de Extensão Universitária elaborada de forma participativa no âmbito do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) e de universidades, aprovada em 2012, durante o XXXI Encontro Nacional em Manaus (AM).

Esta política, em seu primeiro objetivo, destaca o compromisso que deverá ser assumido pela extensão universitária com o processo de dinamização acadêmica, propondo “reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (FORPROEX, p. 9, 2012).

Essa perspectiva estabelece um reconhecimento do papel da extensão como estratégica para a dinamização acadêmica, articulando-se ao ensino e à pesquisa, constituindo a base do ensino superior no Brasil, tendo como função possibilitar aos jovens uma “formação integral, ética e humanística, tão necessárias para os dias atuais” (ALMEIDA, 2015, p. 57).

Ainda no que diz respeito às contribuições da extensão universitária na formação dos estudantes, Costa et al. (2013) argumentam que a relação extramuros que aproxima a universidade da sociedade reafirma que, ao participarem em projetos de extensão, os estudantes tomam consciência de seu papel como profissional e cidadão, tornando-se mais sensíveis aos problemas sociais.

Aproximando as discussões da extensão universitária para a formação de profissionais das ciências agrárias é possível identificar experiências que buscam solucionar os problemas relacionados às deficiências das políticas públicas de ATER, assim como os problemas relacionados à formação de profissionais que atuarão diretamente com a agricultura familiar, como alguns casos que serão apresentados a seguir.

Em um estudo de caso realizado no Programa de Residência Agrária da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), UNESP, Campus de Botucatu, Pimentel et al. (2008) propõem um debate sobre a necessidade de mudança na formação do profissional de Ciências Agrárias para atuar na área de ATER junto a agricultores familiares. Estes autores concluíram que o programa pode contribuir para a formação de profissionais qualificados e comprometidos com a sociedade de maneira geral e com os agricultores familiares, em particular, fortalecendo a participação e a cidadania.

Em estudo parecido, realizado no Programa Residência Agrária da Universidade Federal do Ceará (UFC), Bruziguessi (2010) buscou analisar a formação promovida pelo programa e diagnosticar a forma como o Centro de Ciências Agrárias convive e transforma-se a partir da experiência. Segundo a autora, foi percebido a inadequação das ciências agrárias à referida profissionalização. No entanto, identifica, na pedagogia da alternância, possibilidades para integração das dimensões ensino, pesquisa e extensão, estimulando uma reconfiguração do Centro de Ciências Agrárias da instituição para uma melhor atuação junto aos povos do campo.

No intuito de demonstrar as contribuições da extensão universitária para a agricultura familiar no município de São Pedro/SP, através do Grupo de Extensão de São Pedro (GESP) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), Marques et al. (2017) afirmam que, durante quase trinta anos, a atuação da universidade na comunidade contribuiu com a organização dos agricultores que levou à participação destes nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas locais.

Esse mesmo projeto, analisado anteriormente por Pereira (2001), havia identificado que a participação dos estudantes e professores utilizando metodologias participativas trocavam conhecimentos com os agricultores, gerando como resultado a adoção de tecnologias por parte dos agricultores, o que ocasionou um aumento de produtividade nas atividades desenvolvidas.

Cazela et al. (2017), ao apresentar dados históricos e metodológicos relacionados à disciplina Vivência em Agricultura Familiar (VAF), oferecida nos cursos de Zootecnia e de Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que proporciona aos alunos um período de vivência com as famílias de agricultores, observou que a experiência possibilitou aos estudantes uma reorientação das áreas específicas de seus respectivos cursos, representando um incentivo para continuar sua formação.

Considerando os estudos apresentados nos parágrafos anteriores, houve a necessidade de serem levantados e analisados dados empíricos que demonstrassem as percepções e reflexões dos próprios estudantes ligados aos cursos de ciências agrárias em relação aos contextos da agricultura familiar. Esse aspecto pode contribuir para uma melhor compreensão e redimensionamento dos processos de formação profissional, tendo como eixo a extensão universitária.

Com base nisso, o presente estudo foi norteado no sentido de buscar respostas no campo empírico para o seguinte questionamento: Como a extensão universitária vem contribuindo para a formação de profissionais das ciências agrárias aptos a atuarem em contextos da agricultura familiar?

Diante desse questionamento, este estudo teve como objetivo analisar os impactos da extensão universitária na formação profissional de estudantes das ciências agrárias envolvidos no contexto da agricultura familiar. Tomou-se como caso o projeto Polifeira da Agricultura Familiar, desenvolvido pelo Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Optou-se por essa iniciativa, por estar ligada principalmente aos cursos técnicos e tecnológicos na área de ciências agrárias e por estabelecer uma conexão com agricultores familiares da região central do Rio Grande do Sul.

Metodologia

A Polifeira foi inspirada em um projeto anterior, iniciado em 2014, intitulado Promoção dos circuitos curtos de comercialização e consumo de frutas e hortaliças no município de Santiago. O projeto iniciado em 2014 contribuiu com a construção do sistema agroalimentar local, possibilitando ao município de Santiago-RS o reconhecimento de suas capacidades de

produzir parte dos alimentos para consumo interno, assim como o enfrentamento dos dilemas da agricultura familiar, por meio do acesso aos mercados locais (UFSM, 2017).

Segundo informações do Relatório de Atividades do Projeto de 2019, as atividades eram conduzidas por quatro bolsistas dos cursos técnicos e superior do Colégio Politécnico e dois servidores, sendo um docente e um técnico administrativo. Essa foi considerada a equipe formal do projeto em dezembro de 2019. No entanto, desde o seu início, em 2017, o projeto contou com a participação de dezoito alunos bolsistas ou voluntários, sendo oito de cursos técnicos, seis de graduação e quatro de pós-graduação. Quanto à participação de servidores, o projeto envolveu, desde 2017, dezoito servidores, sendo três técnicos administrativos em educação e quinze docentes.

A feira, que acontece duas vezes por semana nas instalações da universidade, representa uma das etapas do projeto, é possível encontrar frutas e hortaliças frescas, além de flores, plantas ornamentais e medicinais produzidas de forma sustentável. Também é possível encontrar alimentos processados artesanalmente a partir de matérias-primas produzidas pelos próprios agricultores, como condimentos, sucos, doces, geleias, salgados, bolos, tortas, pães, biscoitos, massas, embutidos e produtos lácteos, entre outros.

Além da feira, o projeto envolve outras atividades, como o acompanhamento produtivo dos agricultores familiares em suas propriedades, apoio à comercialização na feira e promoção de estratégias de mercado, gestão da qualidade dos produtos comercializados na feira, assim como análises laboratoriais, para identificar características sanitárias dos produtos. Essas atividades são realizadas pelos alunos bolsistas e voluntários, com o suporte de professores e técnicos do Colégio Politécnico.

De acordo com os procedimentos técnicos adotados, a pesquisa pode ser caracterizada como estudo de caso. Essa definição tomou como base os argumentos de Gil (2002), quando define esse tipo de método como essencial para explorar situações reais cujos limites não estão claramente definidos, buscando preservar o caráter unitário do objeto estudado.

Para a coleta de dados, foi utilizado o grupo focal. Participaram dessa atividade três alunos, sendo dois bolsistas e um voluntário do projeto, que, na apresentação dos resultados, serão identificados como Aluno 1, Aluno 2 e Aluno 3.

No grupo focal, não foi estabelecido um roteiro, apenas foi solicitado que os participantes relatassem suas experiências em relação ao projeto. A partir desse ponto, a discussão passou a ser mediada na busca de um direcionamento que auxiliasse no levantamento de informações relacionadas aos impactos do projeto na formação profissional.

A discussão foi registrada por meio de gravador de voz, sendo transcrita posteriormente em sua totalidade, considerando a autorização informal dos participantes antes do início dos

debates. O áudio original, assim como o texto transcrito, encontra-se sob a guarda do pesquisador, que assume a responsabilidade pelo devido sigilo e integralidade das informações apresentadas.

Resultados e Discussão

A participação dos alunos no projeto, como bolsista ou como voluntário, consiste na realização de atividades de orientação no planejamento produtivo, beneficiamento, qualidade dos produtos, mercado local, *designer* de embalagens, desenvolvimento de novos produtos, comercialização e produção sustentável. Além disso, os estudantes desenvolvem atividades relacionadas à gestão e ao monitoramento do projeto, como registros, organização, suporte à comercialização na feira, coleta de produtos para análises, levantamento de dados para avaliação e divulgação da feira nas páginas e redes sociais do Politécnic e da Universidade, assim como uma página do próprio projeto. Estes processos geram um impacto significativo na formação profissional, tanto nos cursos do Politécnic como da UFSM.

Esse conjunto de atividades promove nos estudantes uma capacidade de articular conhecimentos das diversas disciplinas e áreas do conhecimento. Na vivência com a realidade dos agricultores, os alunos deparam-se com problemas complexos e são desafiados a buscar soluções para problemas específicos, que na maioria das vezes, só serão resolvidos com uma junção de habilidades técnicas, comportamentais e conceituais. Nesse sentido, a extensão universitária contribui para que os estudantes busquem superar o desafio da divisão disciplinar, característica dos cursos ligados às ciências agrárias, que, de acordo com Caporal (2003), limitam a capacidade do aluno de desenvolver uma visão holística e sistêmica da sua profissionalização e dos contextos que envolvem a agricultura familiar.

Para os alunos, a participação no projeto lhes deu mais segurança nos diálogos com os agricultores nos momentos de orientação técnica. Essa segurança foi proporcionada pelo maior contato com a técnica, pois, antes de levarem as informações até os agricultores, eles fazem um estudo detalhado das tecnologias a serem fomentadas. Por outro lado, a aproximação e o diálogo com os agricultores fazem com que estes alunos percebam suas demandas, estimulando a busca em resultados de pesquisas e manuais de tecnologia, aquela mais indicada para cada agricultor. Em muitos casos, estes alunos são estimulados pelos próprios agricultores a buscar uma adequação dessas tecnologias.

Eles colaboram muito com isso. Eles são muito imperativos, eles me ajudam bastante. Normalmente o incentivo parte deles, e daí eu tento englobar eles, buscar tecnologias, fechar alguma coisa com eles, daí eles me ajudam muito. Eu tenho algumas dificuldades, questão de maquinário, alguma coisa assim, mas a gente sempre consegue (Aluno 1).

É possível perceber na fala do aluno uma sensibilidade para conceber as suas limitações como profissional em formação, ao mesmo tempo que encontra, nas demandas apresentadas pelos agricultores, instrumentos de motivação para enfrentamento dessas limitações.

Outro aspecto diz respeito à forma como os alunos percebem o papel da tecnologia aprendida durante os cursos, assim como sua aplicabilidade nas mais diversas realidades que envolvem o espaço rural. Eles passaram a compreender que as tecnologias precisam ser reeditadas, partindo dos processos mais gerais para as demandas mais específicas, nesse caso, aquelas relacionadas às particularidades da agricultura familiar.

Essa perspectiva de adequação tecnológica parte das constantes reflexões promovidas pelo projeto no que diz respeito à forma de vida, às tradições e às limitações ligadas à agricultura familiar. Este fato contribui para que os alunos percebam as diferenças de concepção e demandas de tecnologias entre a produção artesanal, característica da maioria dos agricultores familiares, e a produção em escala, mais adequada à agricultura patronal e ao monocultivo.

Essa perspectiva reafirma os argumentos de Dias (2008), quando defende a superação de uma formação puramente técnica e instrumental, propondo a incorporação de métodos e conhecimentos das ciências sociais que estimulem a leitura da realidade social para, a partir daí, definir as técnicas e tecnologias. Além disso, esse resultado corrobora com as conclusões do caso analisado na UNESP por Pimentel et al. (2008), quando destacam as contribuições do Programa de Residência Agrária para a formação de profissionais qualificados e comprometidos com fortalecimento da participação e cidadania na agricultura familiar.

Além disso, os estudantes destacam como importante a identificação de possibilidades de se produzir com qualidade sem perder características relacionadas ao artesanal, agregando valor aos produtos da agricultura familiar, o que passa a ser visto pelos alunos como um tipo de missão do projeto. “Eu acho assim, tipo: por se tratar de agricultura familiar, eles têm muito aquele pensamento, que é o certo né, que inclusive é uma das nossas missões. [...] é manter o artesanal né, é aquela receita, a cultura lá da família e tal” (Aluno 2).

Para esses alunos, a produção artesanal é caracterizada pelos elementos culturais no modo de fazer, assim como os instrumentos utilizados no processo, que agregam um valor simbólico a estes produtos, como apresentado pelo Aluno 1: “Tanto a cultura quanto o modo de fazer né?! A cozinha dele, o fogão a lenha, uma panela de ferro, alguma coisa assim, o valor simbólico que tem”.

Esse relato se aproxima de um dos vários aspectos da PNATER apresentado por Caporal e Costabeber (2004), quando afirmam que a política deverá utilizar enfoques técnicos diferentes dos convencionais, promovendo a agricultura sustentável e respeitando a diversidade cultural.

Para outro aluno, a participação no projeto representou uma mudança de paradigmas no que diz respeito à visão que tinha sobre a agricultura. De acordo com esse aluno, pessoas de sua família eram produtoras de soja e de leite, sendo a visão financeira predominante. Para ele, a participação no projeto contribuiu para que sua visão fosse ampliada, passando a considerar a realidade social, a produção artesanal desses agricultores, sem perder de vista os impactos econômicos já percebidos no cotidiano dos agricultores envolvidos no projeto.

A família do meu pai principalmente, a base financeira dela é a agricultura, só que é uma agricultura maior. Produtores de soja, de leite. E sobre a visão que eu tinha, até antes de entrar, era uma visão muito mais financeira. Só que era isso que eu auxiliava eles até na parte administrativa lá fora e começou mais a me abrir mais essa dimensão, essa realidade mais social, no desenvolver pessoas, produtos. Que não é só soja [...]. Eu acho que o impacto maior que tá acontecendo comigo nessa etapa do projeto é isso (Aluno 3).

Essa sensibilidade social apresentada no relato do aluno vai ao encontro das ideias de Costa et al. (2013), quando afirmam que, ao participarem em projetos de extensão, os estudantes tomam consciência de seu papel como profissional e cidadão, tornando-se mais sensíveis aos problemas sociais.

Resgatando aqui os argumentos de Balem e Donazzolo (2007), ressalta-se que os autores sugerem uma formação profissional nas ciências agrárias que, além das tecnologias, possa ser implementada com dimensões educativa, social e política, contribuindo para que os futuros profissionais possam despertar nos agricultores, valores como respeito mútuo, solidariedade e cooperação. A este respeito, considerando o depoimento do Aluno 2, comportamentos desse tipo passaram a ser comum no dia a dia da equipe do projeto, pois, segundo ele, no momento em que alguém está passando por dificuldades, outros membros se mobilizam em torno do problema, propondo ideias ou instrumentos na tentativa de solucioná-lo.

A cooperação da equipe é refletida nos agricultores envolvidos diretamente no projeto. Estes são estimulados a cooperar a partir da própria dinâmica de comercialização na feira, sendo que foram criadas estratégias que inibem a concorrência entre eles. Além disso, o incentivo é dado pelo projeto por meio da criação de pequenas redes de compra e venda entre os próprios agricultores da feira. Isso é possível pelo fato de que, para os agricultores, só é permitido comercializar os produtos que ele produz em sua propriedade, critério que veda a sua atuação como atravessador.

Nesse sentido, os alunos também atuam na articulação dessas redes, nas quais, por exemplo, a agricultora que faz a torta de morango é estimulada a comprar o morango de outro agricultor envolvido. A agricultora que faz salgado pra vender em sua barraca adquire o queijo do agricultor que produz e comercializa produtos lácteos. Além disso, se os agricultores não

produzem determinados itens e precisam consumi-los, estes são sensibilizados a adquirir da própria Polifeira, em vez de adquirir em outras feiras ou mercados onde a procedência do produto é desconhecida.

Na relação e nos diálogos entre agricultores e alunos, é possível notar o despertar de estratégias a partir de oportunidades não percebidas. Em muitos casos, os agricultores são estimulados pelos alunos a refletirem sobre os desafios existentes. Isso resulta, na maioria das vezes, em redimensionamento ou mudança de estratégias de produção, beneficiamento ou comercialização.

Como exemplo, foi apresentado o caso de uma agricultora que desenvolveu uma cuca de morango que teve uma boa aceitação pelos consumidores. Por algum motivo, ela deixou de trazer a cuca regularmente, causando frustração para os consumidores, que deixavam de comprar quando ela trazia nas feiras seguintes. Essa agricultora foi orientada a manter a regularidade em respeito ao consumidor. Outro exemplo pôde ser apresentado pelo Aluno 1.

Tudo começou porque ela queria vender pastel. Daí a gente falou não! Traz um sanduíche. Daí o sanduíche ela trouxe uma vez e não vendeu. Aí um dia eu disse: mas se nós prensarmos o sanduíche? Uma torrada colonial? Vamos lá falar com ela. Daí, na outra semana, ela já começou e foi a sensação do inverno (Aluno 1).

Percebe-se, nessas informações, a importância do diálogo e da relação de confiança entre os agricultores e estudantes. Parte-se dos problemas cujas causas são identificadas e analisadas de forma dialógica, sendo, na maioria das vezes, solucionados.

Um dos grandes desafios enfrentados pelos extensionistas rurais e também pelos bolsistas de projetos de extensão universitária que envolvem a agricultura familiar diz respeito à inovação de suas práticas ou à adoção de novas tecnologias. Nesse sentido, os alunos buscam estimular a inovação a partir de elementos da própria cultura ou tradições dos agricultores.

O relato de uma dessas estratégias foi apresentado pelo Aluno 1. Segundo este aluno, a partir de um diálogo estabelecido com um agricultor que não sabia o que fazer com a mandioca produzida, chegaram à definição de estratégias para viabilizar o processamento e comercialização do produto.

A busca de estratégias partiu da reflexão sobre o que já existia como derivado de mandioca e o que ainda não existia. Como resultado, surgiu a ideia de se produzir um pastel vegano, tendo como base a massa da mandioca. Essa estratégia solucionou duas demandas: gerou um produto diferenciado e com maior valor agregado a partir de uma matéria-prima que, na maioria das vezes, era comercializada *in natura* ou semiprocessada. Por outro lado, atendeu

um grupo de consumidores veganos, público que vem crescendo dentro da universidade e na sociedade como um todo.

Esse aspecto revela o desenvolvimento de habilidades de comunicação numa perspectiva dialógica em que estudantes e agricultores identificam, analisam e atuam em torno das limitações no intuito de solucioná-las, utilizando como estratégia a junção dos saberes populares e acadêmicos na busca de soluções viáveis. Esse resultado se aproxima daquele identificado por Pereira (2001), que, ao analisar o grupo de extensão universitária GESP na Esalq-USP, identificou que a troca de experiências com os agricultores ocasionou aumento na produtividade das atividades desenvolvidas.

Chama a atenção, também, nesse projeto, o despertar nos alunos do comportamento de empatia em relação aos agricultores familiares. Isso pode ser percebido no relato do Aluno 2 quando entrou em defesa dos agricultores em situações que sinalizavam para uma relação injusta do consumidor em relação ao agricultor.

O caso envolveu um consumidor que estava reclamando do preço cobrado pelos agricultores em seus produtos. O aluno se sentiu na obrigação de esclarecer para aquele consumidor que o preço daqueles produtos estava igual ao preço de mercado. Esclareceu, ainda, que tudo aquilo era produzido pelas mãos daqueles agricultores, que ele, como bolsista do projeto, conhecia cada um deles, visitava suas propriedades e tinha os laudos das análises laboratoriais certificando que aqueles produtos eram obtidos sem agrotóxicos.

Uma consumidora chega e pergunta: Quanto que tá a alface? Aí o feirante responde. Daí a cliente diz: Mas tá caro né? Aí eu disse: não, não tá caro não! Não tá caro mesmo! Sabe porque que não tá caro? Porque essa alface aqui, é o seu Jorge que planta com a mão dele! Foi a mesma mãozinha que arrancou e trouxe aqui pra senhora. Não tá caro não. Essa alface do seu Jorge não tem veneno. E não tem veneno porque sou eu que dou a recomendação pra ele, se a senhora quiser eu tenho um laudo para mostrar (Aluno 2).

A postura desse aluno, além de afirmar empatia com a realidade dos agricultores familiares, revela o seu papel como profissional e cidadão na valorização da produção artesanal, local e sustentável. Mostra ainda que o reconhecimento da justiça e solidariedade nas relações de compra e venda entre agricultores e consumidores deve ser construído e/ou preservado, fortalecendo as relações sociais e de confiança.

As reflexões provocadas pelo aluno, além de representar seu posicionamento político, tem o intuito de educar os consumidores em relação às características positivas dos produtos obtidos e comercializados pela agricultura familiar, que nem sempre são percebidas por quem não conhece o processo. Esse aspecto corrobora com os argumentos de Balem e Donazzolo (2007), quando afirmam que a formação profissional nas ciências agrárias deve ser

implementada com as dimensões educativas e políticas, possibilitando que estas não sejam apenas técnicas, mas também, extensionistas educadoras.

Considerando a importância da artesanidade e de assumir empaticamente em alguns momentos os dilemas dos agricultores como deles, estes alunos buscam despertar comportamentos diante da realidade do mercado em que estes agricultores estão inseridos.

Só que nós enquanto alunos, qual que é o nosso trabalho? É também fazer eles se tecnicarem e se atualizarem [...]. A gente tira eles lá do lugarzinho deles pra botar eles dentro da universidade, mas com essa condição: ó, vocês não podem ficar dentro da zona de conforto de vocês. Vocês tã dentro de uma universidade então vocês têm que ter outra coisa pra oferecer. Só que daí aquela coisa assim, tu sabe que a grama do vizinho é sempre mais verde né? Aí a banquinha do lado vê que deu certo, que o vizinho tá ganhando dinheiro com aquilo. Querendo ou não, aquilo é um estímulo pra ele tentar ir atrás de uma coisa diferente, entendeu? É isso é outra coisa que nos estimula muito porque a gente não deixa eles repetirem (Aluno 2).

Nessas reflexões, os alunos também contribuem para que os agricultores valorizem suas próprias potencialidades, que ficam, às vezes, adormecidas e que podem contribuir de forma significativa com transformações em seu cotidiano.

Às vezes, eles investem e eles não sabem como ter o retorno do investimento que eles fazem. Ela foi fazer um curso em Caxias do Sul, ficou uma semana lá, fazendo cuca, fazendo pão, brioche né! Umas coisas assim. Para ela colocar na banca dela da feira. Foi a Emater quem levou eles. E aí ela disse: eu tenho o pãozinho pra fazer né? E eu disse: então, vamos fazer uma torrada, aí os outros itens tu compra daqui e aí é só o salame e o queijo e o pão que é ela que faz. Aí foi sucesso assim. O pessoal aderiu muito né, e tem muito aquela coisa, tipo de casa de mãe né? Onde que a gente vai comer uma torrada com salame, queijo né? Não tem (Aluno 2).

Os alunos também utilizam estratégias de pesquisa como forma de subsidiar os agricultores na busca de potencializar e alinhar as suas ofertas com as necessidades e demandas do consumidor. Um dos alunos descreveu um pouco de sua pesquisa realizada com os consumidores da Polifeira, destacando como os resultados dessa pesquisa podem contribuir com melhorias no processo de produção e comercialização.

O que tu acha que pode ser melhor, é o cheiro? É o sabor? É a cor? A textura? Tu acha que tem que ser mais doce? Salgado? Alguma coisa assim. Eles avaliaram também a banca, a questão de como o feirante se porta, se tá sempre uniformizado. A questão da unha né? Toda parte de higiene do feirante da banca eles avaliaram também. Daí eu peguei os resultados e levei pros feirantes. Mostrei pra eles, olhem eles acham isso e isso de ti, o que que tu acha? Vamos melhorar, vamos fazer tal coisa. Grande parte deles aceitou tranquilo (Aluno 1).

Essa articulação entre pesquisa e extensão constitui, de acordo com Godoy et al. (2010), importante estratégia para que os estudantes possam compreender a complexidade que envolve a produção e comercialização de alimentos produzidos pela agricultura familiar, além de criar instrumentos para solução de problemas relacionados. Porém, essa importância é extensiva aos agricultores contribuindo pra que eles também possam compreender essa complexidade.

Os comportamentos de resistência, marcante na maioria dos agricultores, são encarados pelos alunos como uma forma de comodismo e sua superação é estimulada no processo.

A agricultora trouxe um dia torrada né, trouxe uma e, à tarde, eu comprei, passei por um professor e eu disse: ó, come uma torrada ali, aí o professor foi lá e comprou e nós tiramos foto. Naquela tarde, ela só vendeu essas duas torradas pra mim e pra ele. Aí no final da feira ela me disse: eu não vou trazer mais. Não vendeu. Eu disse: mas tchê, tu recém trouxe hoje e nós recém tiramos fotos, recém vamos fazer a propaganda, insiste um pouquinho mais. Nem todo mundo já passou pela feira e viu que tu tem torrada. Isso não é da noite pro dia. Aí tá, tem vezes que tu tem que se impor mesmo. A ideia a gente tem de monte, mas às vezes nada vai adiante por falta de persistência deles né. Aí ela trouxe de novo e a gente fez uma publicação que, tipo, teve muita visualização e aí começou! Aí ela disse: não, eles estão realmente nos ajudando né. E aí tem essa questão que a gente tá tentando educar eles pra eles pararem de pensar na feira apenas como um ponto comercial né. Por que o que eles fazem aqui é muito maior do que simplesmente vir vender. Mas, pra gente ter acesso a eles, a gente sempre tem que partir do princípio de ganhar dinheiro, querendo ou não (Aluno 2).

Por outro lado, algumas exceções a esta resistência foram percebidas, pois alguns agricultores estão sempre buscando inovar, criar produtos novos ou diferenciados e que sempre estão apresentando demandas. “Como sempre há exceções, tem outros que estão sempre buscando inovar, sempre buscando fazer alguma coisa nova. Daí esses eu junto né, eu colo neles né, porque ali dá alguma coisa nova” (Aluno 3).

Do ponto de vista acadêmico, a extensão desenvolvida pelo projeto tem se destacado como uma estratégia inovadora para dinamização do espaço acadêmico, atraindo as ações do ensino e da pesquisa, buscando romper com a cultura predominante nas universidades brasileiras em que a extensão esteve sempre pautada como apêndice das ações de ensino e da pesquisa. Essa perspectiva se aproxima dos argumentos apresentados por Almeida (2015), quando afirma que o reconhecimento do papel da extensão universitária articulada ao ensino e à pesquisa, possibilitam uma formação integral, ética e humanística.

Ao participar do projeto, os alunos passam a se relacionar com experiências reais que envolvem múltiplos campos de saberes, promovidas pela dinâmica e pelas vivências dos agricultores familiares com os quais mantiveram contato, assim como dos colegas que estão sempre discutindo tecnologias, contextos, desafios e estratégias. Esta perspectiva corrobora com

os argumentos de Costa et al. (2013), quando argumentam que os alunos que participam de projetos de extensão tomam consciência de seu papel como profissional e cidadão, tornando-se mais sensíveis aos problemas sociais.

O projeto promove, ainda, o envolvimento de outros cursos ofertados pela UFSM, como: Comunicação, Educação, Biologia, Gestão Ambiental, Terapia Ocupacional, Química, entre outros. Isso demonstra não só a interdisciplinaridade como também a interprofissionalidade, duas das diretrizes da extensão universitária definidas pelo FORPROEX (2012), apresentadas na Política Nacional de Extensão Universitária.

Portanto, o projeto busca romper com a visão da extensão como apêndice das dimensões da pesquisa e do ensino nas universidades, como criticado por Mussoi e Lenzi (2015). O projeto consolida um processo acadêmico no qual as dimensões ensino, pesquisa e extensão interagem e complementam-se, definindo várias possibilidades de ensino-aprendizagem.

Conclusão

A interação entre instituição e sociedade, mediada pela extensão, contribui para que os alunos passem a ter mais domínio das técnicas inerentes a sua profissão. Ao mesmo tempo, torna-os mais sensíveis aos desafios e características dos agricultores familiares.

O contato direto e constante com os agricultores possibilitou aos estudantes o afloramento de comportamentos importantes, como empatia, cooperação, justiça e solidariedade. Além disso, a identificação dos desafios e potencialidades desses agricultores estimulou o domínio dos padrões tecnológicos, ao mesmo tempo que os conduziu para uma adequação ou, até mesmo, para uma reelaboração dessas tecnologias, tornando-as mais apropriadas à realidade da agricultura familiar.

Diante disso, os impactos da interação entre estudantes e agricultores familiares, mediada pela extensão universitária, tendo como caso o projeto da Polifeira, trouxeram contribuições significativas para a formação de profissionais sensíveis à realidade que envolve a agricultura familiar na região central do Rio Grande do Sul. Por outro lado, o projeto vem contribuindo para a reconfiguração dos processos organizacionais e produtivos dos agricultores familiares, visando à produção sustentável, à segurança alimentar, além de estimular o comércio justo e solidário.

No entanto, por se tratar de um único caso estudado, as análises não podem ser generalizadas, não sendo impedido seu uso como referência para inspirar outros estudos envolvendo outras instituições em outros contextos.

Referências

- ALMEIDA, L. P. de. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. **Revista Diversités Recherches et Terrains: Les universités latino-américaines aujourd'hui: expressions locales**, DIRE n°7. pp. 56-67, 2015. Disponível em: <https://www.unilim.fr/dire/645http://epublications.unilim.fr/revues/dire>. Acesso em: 10 de março de 2020.
- BALEM, T. A.; DONAZZOLO, J. Formação profissional nas ciências agrárias: um desafio para o desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.
- DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, v. 470, 2017.
- BRUZIGUESSI, E. P. **Recriando a formação nas ciências agrárias para uma atuação com maior compromisso social: estudo de caso do programa residência agrária na Universidade Federal do Ceará**. 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6647>. Acesso em: 08 de out. de 2020.
- CAPORAL, F. R. Bases para uma nova ATER pública. **Extensão Rural**, n. 10, p. 1-20, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5546>. Acesso em: 06 de out. de 2020.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- CAZELLA, A. A.; et al. Vivência em Agricultura Familiar: uma inovação no ensino de Ciências Agrárias. **Anais da Reunião anual da SBPC**. Belo Horizonte: SBPC, 1-3, 2017. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/3145_1e5b82f8978cffaebbf0a0489fe8a56f.pdf. Acesso em: 16 de set. de 2020.
- COSTA, A. A. C.; et al. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: SÍVERES, Luiz (org.). **Extensão Universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, pp.61-80, 2013.
- DIAS, M. M. A formação do agrônomo como agente de promoção do desenvolvimento. **Revista Extensão Rural**, DEAER/CPGExR – CCR – UFMS, Ano XV, Jan – Jun de 2008. pp. 53-68.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. ed. 4. 2002, 175p.
- GODOY, C. M. T.; et al. A importância da extensão universitária na construção do conhecimento dos novos profissionais das ciências agrárias. **XV Jornadas Nacionales de Extensión Rural y VII Del Mercosur**, 15, 1-7. 2010. Disponível em: http://aader.org.ar/XV_Jornada/trabajos/portugues/Educacion/Experiencias/Traba%20P8%20Completo.pdf. Acesso em: 16 de set. de 2020.
- GOMES, M. R.; SILVA, P. H. G. da. Agricultura familiar no Brasil: perspectivas conceituais e estatísticas. In: **10ª JICE-Jornada de Iniciação Científica e Extensão. 2019**. Disponível em: <http://propi.iftto.edu.br/ocs/index.php/jice/10jice/paper/view/9449>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.
- MARQUES, P. E. M.; et al. O papel da extensão universitária no apoio à agricultura familiar no município de São Pedro-SP. **Revista de Cultura e Extensão da USP**, 18. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/143590/138255>. Acesso em: 08 de out. de 2020.
- MUSSOI, E. M.; LENZI, L. H. C. Extensão universitária: entre o continuísmo e a utopia. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 12, n. 20, p. 103-122, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2015v12n20p103>. Acesso em: 16 de abr. de 2021.

PIMENTEL, A. E. B.; et al. A formação do profissional de ciências agrárias e o programa de residência agrária—experiência no assentamento Laudenor de Souza (SP)—Brasil. *Educação em Revista, Marília*, 9(2), 21-36. 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/632>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

PEREIRA, M. T. Extensão universitária na ESALQ-USP: o caso dos agricultores de São Pedro-SP. **Estudos avançados**, 15(43), 281-288. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a21.pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA; COLÉGIO POLITÉCNICO **Projeto Polifeira do Agricultor na Universidade Federal de Santa Maria**. 2017.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**. Rio de Janeiro, n. 21, pp. 42-61. 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.